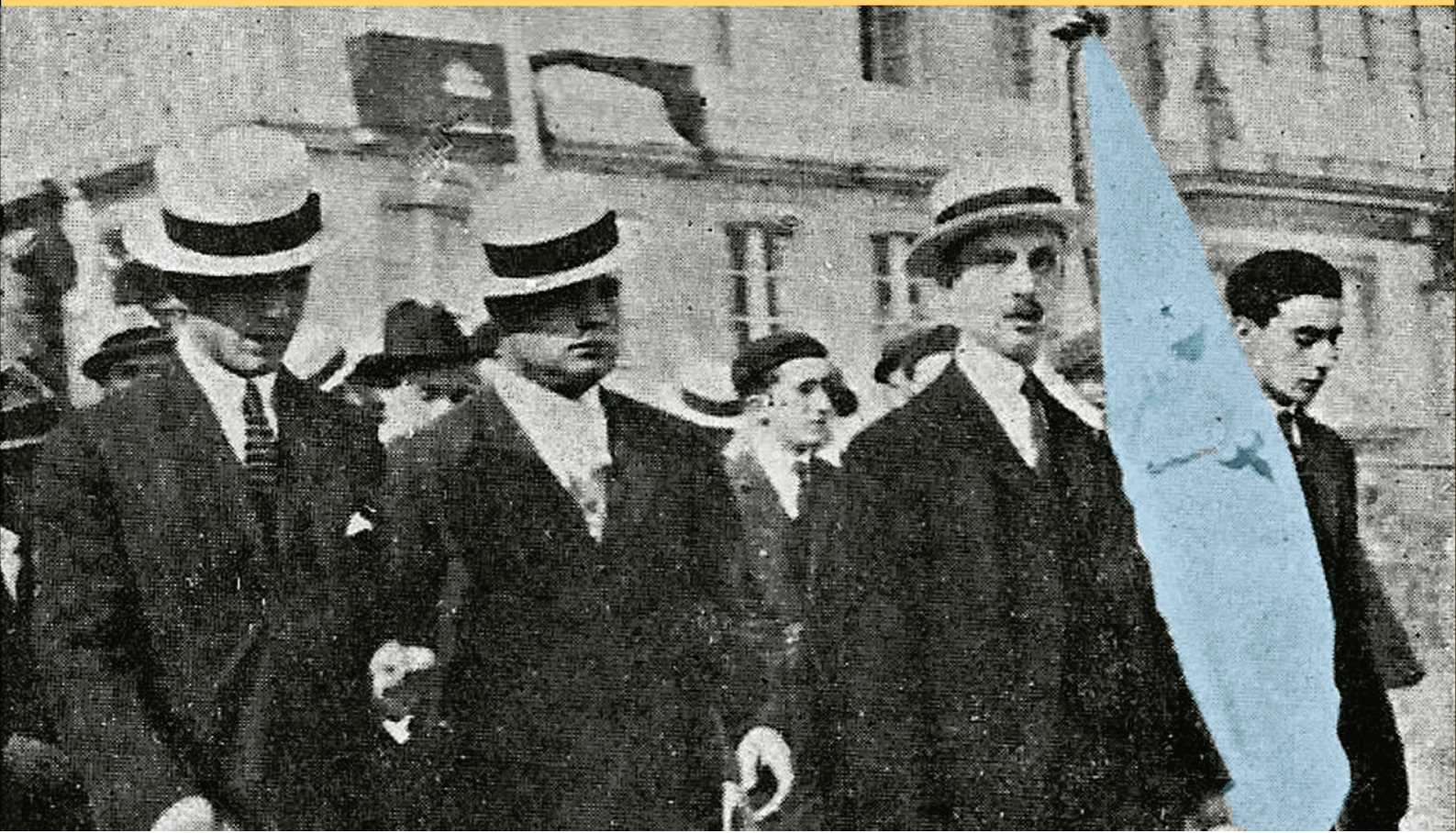




RAMÓN VILLARES
XOSÉ M. NÚÑEZ SEIXAS
RAMÓN MÁIZ
EDITORES

**As Irmandades da Fala
no seu tempo:
perspectivas cruzadas**



**As Irmandades da Fala no seu tempo:
perspectivas cruzadas**

Edita

© CONSELLO DA CULTURA GALEGA, 2021
Pazo de Raxoi · 2º andar · Praza do Obradoiro
15705 · Santiago de Compostela
T 981 957 202 · F 981 957 205
correo@consellodacultura.gal
www.consellodacultura.gal

Imaxe da cuberta

Membros da Irmandade da Fala de Betanzos indo cara ao concello, 1918.
O portador da bandeira é o mestre e erudito Francisco Vales Villamarín.
(Da publicación *Xogos Froaes de Betanzos 1918*, Betanzos, Imprenta de Manuel Villuendas, 1918. Cortesía do Arquivo Municipal de Betanzos)

Maquetación e impresión

Lugami Artes Gráficas

Depósito legal: C 345-2021

ISBN 978-84-17802-28-8

DOI: 10.17075/ftpc.2021

RAMÓN VILLARES
XOSÉ M. NÚÑEZ SEIXAS
RAMÓN MÁIZ
EDITORES

As Irmandades da Fala no seu tempo: perspectivas cruzadas



(a)

actas

OS LISBOANOS E O GALEGUISMO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCU- LO XX

Carlos Pazos-Justo
Galabra-UMinho, Centro de Estudos Humanísticos
Universidade do Minho

DOI: [10.17075/iftpc.2021.015](https://doi.org/10.17075/iftpc.2021.015)

1. A EMIGRAÇÃO GALEGA A PORTUGAL. CONTRIBUTOS PARA O ESTADO DA QUESTÃO

Em *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa* (Leira 2008) – espécie de homenagem à colónia galega da capital portuguesa –, uma das ideias estruturantes do discurso é o desconhecimento que sobre a emigração galega a Portugal havia na Galiza (e Portugal) (González 2013). Com efeito, se comparada com a ampla atenção que, ancorada em várias disciplinas (história, filologia, etc.), tem recebido a emigração galega no continente americano, chama a atenção o relativo escasso interesse pesquisador que o fenómeno migratório galego em Portugal tem suscitado. Repare-se, a modo de exemplo, no menor número de trabalhos, com foco no fenómeno em questão, na importante revista *Estudos Migratorios*, editada pelo Arquivo da Emigração Galega (desde 1995 até 2011) do Consello da Cultura Galega ou na prática ausência em projetos a debruçar-se nesta emigração dinamizados no seio do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades.

A menor atenção que identificamos não é, na nossa interpretação, unívoca prendendo-se na prática com vários factores. A concorrência quantitativa e qualitativa da emigração americana, a partir das últimas décadas do século XIX, contribuiu para invisibilizar, em certo sentido, a emigração com destino em Portugal. Mormente, o facto de os enclaves americanos serem os destinos privilegiados dos exilados galegos – determinantemente também dos galeguistas – após o golpe de estado de 1936, fez com que no espaço americano acabassem por ter lugar numerosas atividades que, em larga medida, contribuíram para paliar as várias rupturas impostas na metrópole (quanto ao uso da língua, por exemplo); o qual implicou uma ampla atenção investigadora no campo de estudos galegos.

A invisibilidade parcial da emigração galega em Portugal, por outro lado, parece estar vinculada, em alguma medida, ao «abandono da referencialidade portuguesa» que Roberto Samartim (2012: 200) detetou à hora de caracterizar o entendimento das relações galego-portuguesas no campo de estudos galegos a partir da década de 80 do século passado; cujos efeitos, aqui para o caso, teriam significado a secundarização da emigração galega em Portugal enquanto objecto de estudo. Todavia, recorrendo ao exemplo americano, um dos factores para a invisibilização poderá estar vinculado à própria natureza da colónia galega em Portugal, designadamente o enclave lisboeta, ao qual vamos dedicar a nossa atenção a seguir.

Este estado de coisas tem mudado pouco e pouco em função dos vários estudos parciais que, entretanto, foram publicados¹ e que no seu conjunto enformam já um conhecimento considerável, ainda que insuficiente, acerca do objecto de estudo em foco.

2. A NATUREZA DO ENCLAVE GALEGO DE LISBOA

De longínquas raízes temporais, sabemos que durante os séculos XVIII, XIX e parte do XX, o fenómeno migratório galego com destino em Portugal, particularmente Lisboa, teve uma importante dimensão quantitativa. É tarefa difícil, no entanto, apontar dados fiáveis quanto ao número de emigrantes galegos a residir em Lisboa durante tão longo período. Sim parece pertinente considerar a colónia

¹ Entre outros: Hernández 1995; García 1996; Pena 1999; López 2005; González 1999, 2006, 2008 e 2013; ou Fernández Cortizo 2007 (cabe destacar, relativamente aos últimos trabalhos mencionados, o labor desenvolvido pela Cátedra UNESCO 226 sobre Migracións da Universidade de Santiago de Compostela); em Portugal: Castro Gil 1999; Alves 2002; Dantas 2010; ou Oliveira 2015. Anotamos também aqui trabalhos nossos que constituem o alicerce das páginas que se seguem, Pazos 2011, 2015, 2016 e (em coautoría com González Lopo) 2018.

galega em Lisboa como o coletivo migrante mais numeroso e, ao mesmo tempo, um dos mais visíveis no espaço público lisboeta².

Esta visibilidade, com vasta pegada em numerosos produtos culturais portugueses (de Almeida Garret, Eça de Queirós, Alexandre Herculano, Rafael Bordalo Pinheiro, por citar somente alguns nomes de produtores literários mais conhecidos), deve-se aos numerosos trabalhos que os galegos, imigrantes em regra de escassa qualificação profissional, desenvolviam nas ruas e praças lisboetas. Amolador, moço de fretes, aguadeiro, taberneiro, empregado de mesa e outras eram as profissões que tradicionalmente exerciam os galegos na Lisboa do século XIX e ainda no XX.

Apesar destas lógicas laborais de longo percurso, durante o século XIX começa a despontar uma certa elite entre a colónia galega de Lisboa, caracterizada por uma posição económica abastada, fruto do sucesso de variados empreendimentos comerciais ou mesmo empresariais (González 2013). Lorenzo Varela Cid, Agapito Serra Fernandez, Antonio Venancio Guisado ou, mais para a frente, Ramiro Vidal Carrera, vinculados, em maior ou menor medida, a uma longa tradição migratória com destino em Lisboa, são exemplos notórios do que na altura nomeavam *lisboanos* nas terras de origem³.

Os lisboanos, longe de replicar as seculares inércias próprias das migrações pendulares, protagonizaram uma série de novidades no seio do enclave lisboeta. Uma das práticas levadas a cabo foi o investimento na formação dos descendentes como mais uma estratégia para progredir socialmente, acedendo assim, na prática, a novas possibilidades laborais e de outro tipo que geralmente as gerações anteriores não tiveram (é o caso, por exemplo, de Alfredo Guisado); os lisboanos,

² As propostas nesta direção (González Rothvoss 1950; Burgos 1986; Pena 1999; Alves 2002) são bastante díspares; têm, no entanto, um elemento em comum: a dimensão quantitativa da colónia galega foi durante séculos muito significativa demograficamente em Lisboa.

³ A seguinte cantiga recolhida na zona sul da Galiza, em Caritel, espelha bem o sentido que evocava o gentílico *lisboano*: «Lisboanos de Lisboa / que vindes facer ó eido? / Vindes engana-las mozas / coa sona do diñeiro» (Grygierzec e Ferro 2009: 84).

agora com recursos económicos suficientes, podem prescindir em alguma medida da ajuda dos seus filhos nas suas respetivas empresas e investir na formação destes, o qual implica uma mudança qualitativa relevante nas estratégias de socialização, assim como a interiorização da necessidade de acumular outros capitais além do económico.

Outra das estratégias auspiciada ou apoiada pelos lisboanos consistiu na conceção e criação (tendo presente o exemplo dos enclaves americanos) de organizações próprias, como é o caso de Juventud de Galicia (1908-...) ou, com menos sucesso, publicações periódicas como *España y Portugal* (1913)⁴, cuja finalidade vai desde a necessidade de usufruírem espaços de convívio próprios até a vontade explícita de coesão e, portanto, de assim poderem fazer-se representar e defender os seus interesses.

2.1. A imagem dos galegos em Portugal

Para entender a natureza e trajetória da colónia galega em Lisboa, julgamos de todo indispensável ter presente o contexto imagologicamente hostil ao que se enfrentavam os emigrantes galegos em Portugal, em Lisboa particularmente. O seguinte excerto serve de exemplo modelar do discurso aviltante que sobre os galegos funcionava em Portugal:

⁴ A primeira organização de que temos conhecimento é a Asociación Galaica de Socorros Mutuos fundada em 1888; outras de carácter microterritorial são: Naturales de Porriño (1907), Comité Auxiliar de la Sociedad de Agricultores de Areas (1913), Unión Agraria del Partido Judicial de Pontareas en Lisboa (1915), Sociedad de Socorros Mutuos, Educación y Progreso Vidense (1915), Colonia de Ribadetea (1916), Comité Agrario de Padrones (1916), La Luz de los Tres Ribartemes (1917) ou Sociedad Pro Escuela Unión del Porvenir para Tabora y Piñeiro (1922) (Peña 2002). Temos notícia de outras publicações como: *La Voz Galaica. Periódico hispano-lusitano político independiente* (1886-1887), *El gallego: semanario defensor de los intereses morales y materiales de la colonia española* (1881-1883?), *La Unión Galaica. Semanário defensor de los intereses generales de la colonia gallega* (1894); pouco antes da instauração da República portuguesa, surgem com marcada intenção política, republicana, *La España Moderna* (1908) e *El Clamor Español* (1909).

O gallego é um typo que se não perde. A civilização faz todas as diligencias para dar cabo d'elle, mas o gallego vae resistindo sempre. É no meio do progresso um verdadeiro phenomeno de atavismo dos antigos costumes. Aqui em Lisboa, á vista de nós todos, a civilização quiz tirar-lhe o barril de cima das costas, mas elle reagiu fortemente contra a Companhia das aguas, e continúa a fazer-lhe pachorrenta concorrência com a agua do Carmo e do chafariz do Rei. A civilização quiz tambem livral-o do *pau e corda*, instituído a carroça e outros meios de transporte, mas elle vae teimando sempre em fazer uso d'aquellas suas velhas insignias, e não ha ninguem que possa vencer a sua teimosia. [...] É conservador por indole, por desconfiança, por timidez e por avareza [...]. Elle teima em juntar dinheiro, e junta-o. Quando sae da sua terra, é já para isso, para enriquecer á sua moda, fazendo todos os serviços que os outros não querem fazer [...]. Para o gallego não ha differenças de cathegoria no trabalho, comtanto que lhe paguem. É esse o seu unico ponto de vista, e n'isso consiste a sua philosophia pratica. Geralmente os gallegos de exportação são isto pouco mais ou menos. Não querem mesmo ser outra cousa, porque o seu fim unico é juntar dinheiro [...]. A avareza é a principal qualidade que o distingue (Andrade 1903: 130 e 131).

A descrição dos *gallegos de exportação* do trecho citado exemplifica o que denominámos imagotipo negativo (Pazos 2016): discurso de representação pelo qual os galegos – em boa medida devido à sua condição de imigrantes, como aconteceu noutras latitudes (Núñez Seixas 2002) – são imaginados como grosseiros e brutos, ignorantes e avarentos, trabalhadores não qualificados, atrasados, em ocasiões alcoólicos, ingénuos mas desconfiados, de vestimenta peculiar e utentes de uma variedade linguística própria. Este estado de coisas supunha, como parece óbvio, um entrave não menor para os lisboanos, ávidos de outros capitais para além de económico ou, por outras palavras, necessitados de reconhecimento social e simbólico. O recurso à criação de organizações no seio do enclave deve entender-se, em nosso parecer, também em função desta imagem pejorativa.

Todavia, é necessário referir sucintamente que o quadro imagológico lisboeta(/português) a respeito dos galegos e da Galiza não é, a partir de meados do

século XIX, unívoco. Articula-se, antes, em função de dois discursos de representação em certa medida antagónicos: o imagotipo negativo, já apontado, e o que denominámos imagotipo de afinidade, com especial incidência no percurso político de muitos dos membros do enclave. O imagotipo de afinidade pode ser entendido, esquematicamente, como uma outra narrativa de representação que concorre crescentemente com a anterior, pelo menos no imaginário das elites lusas, caracterizando-se por: em elaboração desde o século XIX, nutre-se da ideia central de que os galegos e portugueses partilham uma série de elementos de variada natureza (identidade/afinidade de língua, alma, raça, paisagem, passado, etc.); de variadas funcionalidades, pode ser útil aos lisboanos a modo de plataforma para aquisição de outros capitais que não o económico.

3. TRAJETÓRIA POLÍTICA DO ENCLAVE

Enquanto comunidade originária de um espaço da emigração – Galiza/Reino da Espanha – a residir num espaço de imigração – Lisboa/Reino de Portugal/República Portuguesa –, o enclave galego de Lisboa esteve submetido a partir das últimas décadas do século XIX a diferentes forças de signo político, em ocasiões, antagónicas.

Apesar da dificuldade maior que significa, à luz dos dados a nosso alcance, estabelecer correspondências entre grupos do enclave e opções políticas ou organizações partidárias, muito provavelmente seja pertinente associar os galegos, em geral e durante o século XIX, com posições mais conservadoras ou antiliberais na Lisboa da altura, nomeadamente entre os lisboanos⁵. Aliás, esta adscrição conservadora inscreve-se perfeitamente na lógica do imagotipo negativo antes referido.

⁵ Acompanhamos aqui de perto a análise de Domingo L. González Lopo sobre o assunto (González e Pazos-Justo 2018).

A intensa atenção que *Vida Gallega* (1908-1938), importante revista dirigida por Jaime Solá, dispensa nos seus primeiros anos ao enclave lisboeta, dá notícia do interesse dos grupos conservadores metropolitanos – no poder – pelo mesmo. O número 19, de abril de 1910, sob a manchete «Gallegos distinguidos en Lisboa. En el Palacio da Pena», é acompanhado por grande fotografia onde aparecem destacados líderes políticos do sul da Galiza, espaço da emigração maioritário em Lisboa: o Marquês de Riestra, Gabino Bugallal e Augusto González Besada, junto aos lisboanos Agapito Serra Fernández, Apolinar Contreras ou Lorenzo Varela Cid. Todo indica, apesar de a revista apresentar a reunião como casual, tratar-se de um encontro perfeitamente planificado; máxime tendo presente o facto de ser aquele ano eleitoral e que pouco antes a colónia tinha recebido a visita de Amado Garra, líder na zona do Condado do republicano-agrarismo.

As tomadas de posição de Amado Garra, futuro Presidente da Câmara Municipal de Vigo (1931-32; o seu irmão seria-o de Pontearreas) e *caudilho* do republicano-agrarismo do Condado, espelha a outra grande linha de força ideológica a funcionar no enclave lisboeta. Após a instauração da República, A. Garra, note-se, mostra um vínculo muito estreito com Portugal, inclusive fora das margens do enclave⁶. Diretor de *El Tea* (1908-1936), subintitulado segundo a época *Semanario Político Independiente. Defensor de los intereses del distrito de Puenteareas* ou *Decenario Defensor de los Intereses Agrarios*, é uma organização que visa designadamente disputar o domínio *caciquil* no citado Condado. *El Tea*, empresa jornalística abertamente republicana e agrarista, foi financiada também pelo enclave galego de Lisboa, com destaque para lisboanos como Alejo Carrera ou

⁶ Cabe assinalar neste sentido os vínculos entre Amado Garra e Bernardino Machado, como provam as 4 cartas (de 1910, duas de 1914 e de 1928) que do primeiro conserva a Fundação Mário Soares (http://casacomum.net/cc/arquivos?set=e_1852); numa das cartas de 1914, o republicano-agrarista galego escreve em qualidade de cônsul de Portugal em Vigo. Os contactos de Amado Garra com agentes da elite republicana poderiam entender-se, muito provavelmente, na lógica de relações entre lojas maçónicas. *El Tea* dá notícia, a 3.08.1922, da imposição das «insígnias de Oficial de la Orden Militar de Cris[to]» de Portugal ao líder republicano-agrarista do Condado.

Antonio Venancio Guisado (Hervés 1997). Lembre-se ao respeito, os interesses e funcionalidades de muitas das organizações criadas no enclave antes referidas *Unión Agraria del Partido Judicial de Ponteareas en Lisboa* (1915) ou *Comité Agrario de Padrones* (1916).

Após a instauração da República em Portugal, *El Tea* dá conta das iniciativas de orientação republicana em Lisboa, dando visibilidade assim (de forma interessada, evidentemente) à nova República vizinha no seio do Reino de Espanha. Deste modo, por exemplo, em 1911, em «Desde Lisboa» (secção estável do semanário) o correspondente dá notícia de uma «Asamblea» celebrada para protestar contra as manobras conspiratórias contra a república Portuguesa na imprensa galega (*El Tea*, 8.04.1911).

Estes episódios estariam por trás da nula atenção que *Vida Gallega*, crítica com algumas das iniciativas da jovem República portuguesa, dispensaria no devir ao enclave lisboeta uma vez que foram negativamente interpretadas, cabe supor, por uma parte significativa da colónia galega (González 2013). Deste modo, o apagamento do enclave lisboeta em *Vida Gallega* pode ser entendido também como um indício relevante acerca do consenso no seio daquele relativamente à prática de uma atitude de, no mínimo, não-beligerância para com a novo regime português e/ou mesmo de apoio explícito. Neste sentido, em 1912, segundo *El Tea*, surge em Lisboa uma comissão de emigrantes, entre os quais António Venâncio Guisado, a favor do novo regime republicano português e contra a proteção outorgada aos monárquicos na Galiza (*El Tea*, 15.07.1911). Nesse mesmo ano, em julho de 1912, coincidindo com as incursões militares desde a Galiza do militar monárquico Paiva Couceiro (Torre 2002)⁷, *El Tea*

⁷ Um dos lisboanos mais ativos do enclave, Ramiro Vidal Carrera (*cf. infra*), afirmava nas páginas de *El Tea* (13.07.1912): «Los secuaces de Paiva acaban de cometer una nueva barrabasada. Entendieron que tomar a Valença constituiría la reimplantación de la carcomida y fenida, para siempre jamás, monarquía de los Braganzas [...]. Y después de tan manifiestas preparaciones de conspiración estúpida, con fin único de llevar un país a la más desoladora ruina, que a otra cosa hartos estarán de saber que no es posible llegar, los gobernadores y más autoridades galegas, son capaces de continuar como siempre informando al gobierno de Madrid que nada pasa; que no hay en la frontera un solo portugués; que nadie conspira...».

transcreve, interessadamente, parte de um manifesto da colónia onde esta se afasta frontalmente das simpatias monárquicas metropolitanas e de qualquer suspeita de conspiração, o qual é, cabe entender, expressão dos receios dos lisboanos – com importantes interesses económicos – perante a opinião pública lisboeta⁸; o manifesto acaba com um expressivo: «Viva Portugal, Viva la República Portuguesa».

Ainda dentro das margens do enclave galego de Lisboa, caberia assinalar uma outra linha de força ideológica e política vinculada ao crescente grupo de assalariados de origem galega que participam em diferentes iniciativas do incipiente movimento sindical português, até o ponto de, com acentuado protagonismo, participarem numa das primeiras greves portuguesas, a dos padeiros de 1894, que teve como resultado a expulsão de 285 padeiros de origem galega (Fernández 2018). Nesta direção, cabe entender a vinculação, doravante, de emigrantes dos sectores menos favorecidos com ideologias que vão do republicanismo ao anarquismo.

3.1. O (filo)galeguismo no enclave

Ao lado das tomadas de posição de signo conservador, republicano-agrarista ou marcadamente progressista, é patente como no seio do enclave, com maior ou menor intensidade, funciona uma outra linha de força ideológica que podemos denominar galeguista ou filogaleguista, de origem manifestamente poliédrica.

⁸ *El Tea* (20.07.1912), veementemente crítico com o encoberto apoio das autoridades espanholas à insurgência dos monárquicos, alertava «sobre determinados peligros que la conspiración realista habría de producirnos, fuimos los primeros en llamar oportunamente la atención a excitación de nuestros compatriotas residentes en Lisboa que, como todo el mundo sabe, son numerosísimos; y esos mismos compatriotas dirigieron desde Lisboa a nuestro Gobierno excitaciones y protestas en tal sentido. Todo en vano, y el resultado ya se está tocando: crece la animosidad de los portugueses hacia España, y se hace ostensible declarando el ‘boycot’ a los productos españoles».

Um dos fatores a ter em consideração é o facto de o fenómeno migratório se constituir como uma plataforma propícia para a *objetivação* e/ou problematização do espaço de origem, Espanha e/ou Galiza e/ou uma região determinada (Medeiros 2006: 159). Por outro lado, a conformação do enclave galego de Lisboa (e outros), entre as últimas décadas do século XIX e primeiras do seguinte (cf. Cabo 1998 ou Peña 2002), coincide, em termos gerais, com o desenvolvimento do *galeguismo*⁹ (também do agrarismo, que em parte assume vários dos postulados do emergente galeguismo); são processos, portanto, simultâneos e, por sua vez, solidários, os quais não serão alheios aos lisboanos. Os enclaves vão ser uma fonte de capitais de vária espécie, o que faz com que, na prática, e do ponto de vista identitário, os galeguistas, por exemplo, estejam interessados em estabelecer redes nas colónias galegas da Europa (no Estado espanhol e Portugal, fundamentalmente) e de América. Repare-se, neste sentido: (i) na fraca *nacionalização* dos territórios periféricos do Estado espanhol, entre eles as zonas rurais da Galiza sul, donde saía o grosso dos emigrantes do enclave lisboeta; e (ii) que um dos propósitos manifestos do galeguismo (especialmente a partir de 1916), julgando os camponeses como base potencial e *natural* da sua expansão (frente ao âmbito urbano mais exposto à cultura e língua castelhanas, no entendimento dos nacionalistas), passa por ampliar as suas bases no espaço ocupado pelo agrarismo (Cabo 1998: 134 e ss.; cf. Beramendi 2007: 717), também o da emigração. O subtítulo do órgão de expressão dos galeguistas a partir de 1916 indicia a notoriedade do enclave lisboeta e conseqüente interesse por estabelecer contactos no seio dele: *A Nosa Terra. Idearium das Irmandades da Fala en Galicia e nas colonias galegas d'América e Portugal*.

⁹ Entendemos o *galeguismo* como «movimento de reivindicação da identidade diferenciada da Galiza com independência do grau de autonomia política proposto para a colectividade galega polos vários grupos ou agentes autoproclamados galeguistas, assi como o processo de fabricaçom de ideias que apoiam e justificam os vários graus desta reivindicaçom» (Samartim 2005: 10). De um modo geral, o galeguismo político como construção de uma «conciencia nacional galega» alternativa à «conciencia nacional española» (em construção sistemática desde 1808) tem as seguintes fases: Provincialismo (1840-1885), Regionalismo (1885-1916) e Nacionalismo a partir de 1916 (Beramendi 1997: 288).

Neste quadro, o enclave galego de Lisboa – os lisboanos em particular – não é alheio, por exemplo, ao *regionalismo* moderado de *Vida Gallega*¹⁰, ou ao que, direta ou indiretamente, paira em *El Tea*. Da primeira publicação, é exemplo o artigo, publicado antes da instauração da República, dedicado à família Guisado («Vida Gallega em Lisboa. – Paisanos conocidos», 31.05.1910): «Las campañas de difusión para nuestro dialecto; la exasperación contra los políticos que nada hacen por el embellecimiento de los pueblos rurales; el abandono de las escuelas y las venganzas electorales, son la constante lucha de nuestro significado conterráneo». Do tom sem dúvida laudatório para com o lisboano Antonio V. Guisado, destaca a filiação galeguista (*campañas de difusión para nuestro dialecto*) que, em nosso entender, têm necessariamente de se relacionar com o labor abertamente filogaleguista da família Peinador, proprietária do Gran Hotel Balneario de Mondariz.

O *Balneário* de Mondariz, devido ao empenho da família Peinador, proprietária do estabelecimento termal, será durante as primeiras décadas do século XX um caso particular de envolvimento da burguesia comercial no programa dos galeguistas e, com mais relevância aqui, um foco de proliferação galeguista acessível e até desejável para os lisboanos¹¹. Significativamente, o *Balneário* foi considerado como «tempo de galeguismo», segundo *A Nosa Terra* (*apud* Barreiro 2006: 10), aquando dos eventos celebrados com motivo do ingresso na Real

¹⁰ Segundo Jaime Solá: «Gallegos somos y amamos sobre todas las cosas a la tierra gallega; pero fuimos siempre, somos y queremos ser españoles», *apud* Vilavedra 1997: s.v. «Vida Gallega». O regionalismo de *Vida Gallega* incompatibilizar-se-ia com o programa ideológico das Irmandades bem cedo: «quando as Irmandades da Fala, en 1917, proclamaram que a literatura galega era a escrita em galego, recolherom o enfrentamento e a hostilidades de meios e autores como Emilia Pardo Bazán, Alejandro Pérez Lugín ou Jaime Solá, o director do mais influenciador semanário galego, *Vida Gallega*, e autor de obras de temática galega em espanhol, como nesse mesmo ano *Anduriña*, que se reclamavam tam literatos galegos e literatura galega como os *irmãos da fala*» (Torres 2004: 439 n. 19).

¹¹ Nos períodos de férias, os emigrantes abastados tinham a necessidade de mostrar os seus progressos; para isto, o *Balneário* de Mondariz – também com afluência significativa de determinadas elites portuguesas (e doutras latitudes) – foi um palco privilegiado para a socialização, prestigiado no espaço da emigração e igualmente no da imigração.

Academia Gallega de Rey Soto e Ramón Cabanillas bem como a homenagem a Manuel Murguía (30 e 31 de agosto de 1920). De resto, o conhecido como *Poeta da Raça*, Ramón Cabanillas, ligado nos primeiros anos ao agrarismo, será durante esta época um assíduo frequentador do estabelecimento termal.

Vários anos antes, um destacado lisboano, Ramiro Vidal Carrera (*cf. infra*), manifestava-se nestes termos à volta de como devia ser a configuração da associação macroterritorial da colónia galega de Lisboa:

Nadie desconoce el elevado número de galicianos que hay en esta capital lusitania, verdaderamente hospitalaria; y nadie desconoce tampoco que en lo que se refiere á amor á la cultura y altruismo social ha dado la Colonia, desgraciadamente, muestras de poca fé y de carecer de aquella firme y decidida voluntad que se precisan para las grandes empresas.

No es mi torpe pluma la llamada á estudiar la psicología de estos –como yo– llamados en nuestro *agarimo* terruño ‘Lisboanos’; pero á pesar de ello me limitaré á decir lo que á mi alcance está.

Las colonias compuestas de los hijos de las cuatro provincias gallegas en todas partes del mundo se distinguen, por muy reducido que sea el número de individuos que las constituyan. Cuentan con sociedades de toda especie, famosas algunas por su gran florecimiento, en las cuales el continuo trato hace efectivas la solidaridad y confraternidad que se precisan para poder luchar con bríos y hacerse respetar de los súbditos de los países que habitan. Es esto demasiado conocido pero lo cito por si puede servir de estímulo á la Colonia aquí residente. Nuestro destino nos aleja de la madre patria y por exigencias de la lucha por la vida pasamos lejos de ella lo mejor de nuestra existencia; consagrémosla á laborar por el bien de todos, alejando toda clase de egoísmos y poniendo elevación de miras en las nobles empresas á que debemos dedicar nuestra actividad si queremos ser dignos émulos de nuestros hermanos que también luchan por el progreso en otras tierras. Si esto hiciéramos conseguiríamos, en primer término alejar á muchos de nuestros compatriotas de diversiones y actos que en verdad afean su conducta.

Con grandiosidad y opulencia se fundó aquí hace años la sociedad Centro Gallego que tuvo vida efímera. Yo no he de mencionar las causas de su disolución porque no quiero

molestar á nadie con mis apreciaciones, pero sí he de manifestar que, á mi juicio, debemos los galicianos ir solos á todo género de empresas, porque sino nada conseguiremos; las entidades mixtas fueron siempre á la ruina por no ser posible aquella confraternidad á que antes me refería («De Lisboa. La Colonia Gallega», *El Tea*, 13.03.1909, p. 2).

Na nossa leitura, a inspiração galeguista, desta e doutras tomadas de posição, é inequívoca. Por outro lado, as polémicas relativas à inclusão ou não doutros emigrantes procedentes do Estado espanhol são numerosas e constantes até praticamente 1936; foi até, diga-se de passagem, esta a polémica que aparentemente motivou o desaparecimento da mais ambiciosa empresa jornalística do enclave, o *Hispania. Periódico Independiente* (1924) de Alejo Carrera.

A partir de 1916, a irrupção das Irmandades da Fala, dotando o galeguismo de uma maior coesão, fortaleza e organizações próprias, vai possibilitar um significativo e progressivo crescimento das relações de variado tipo no quadro relacional galego-português até 1930(/1936), sendo este, presumivelmente, o período de maior intensidade no relacionamento na época contemporânea até a entrada dos dois estados peninsulares na, então, Comunidade Económica Europeia. O interesse explícito de grupos e agentes galeguistas vai, de um modo geral, no sentido de desenvolver a lusofilia das elaborações culturais dos galeguistas da segunda metade do século XIX. Assim, a partir de 1916, Portugal vai ocupar um lugar central nas tomadas de posição dos galeguistas. Em 1918, na I Assembleia das Irmandades (Villares 2003: 22), em boa medida devido ao labor de um dos mais destacados *irmãos* na altura e empenhado impulsionador da aproximação a Portugal, Antón Villar Ponte¹², são aprovadas resoluções inequívocas quanto à

¹² Antón Villar Ponte singularizou-se entre os nacionalistas por defender Portugal como o inequívoco referente de reintegração galego; como ele mesmo refere, a relação com Portugal é fruto, num primeiro momento, das suas estadias em Portugal como correspondente do jornal *La Voz de Galicia*: «fue en Lisboa y Oporto, poblaciones que visitamos por exigencias periodísticas, donde nuestro pensamiento acerca del particular [o relacionamento galego-português] se robusteció con vigores indestructibles» (*apud* Varela 1994: 163). Enquanto correspondente do *Diario de la Marina* de Cuba, assistiu à inauguração da nova sede de Juventud de Galicia na Lisboa de 1911; segundo a crónica de um jornal metropolitano (recorte do

posição de Portugal no ideário galeguista. A proliferação galeguista será atendida, com maior ou menor abertura, por grupos e agentes lusos, desde os republicanos até os monárquicos (Ventura 1988: 157).

Esta maior fortaleza galeguista irá implicar uma acentuação das tomadas de posição dos lisboanos em linha com os postulados do galeguismo metropolitano, mercê a, como foi apontado, (i) o interesse dos galeguistas pela proliferação nos enclaves da emigração, os de Portugal especialmente, e à (ii) necessidade de *bens e ferramentas* úteis para a consecução de novos capitais, sociais e simbólicos mormente, por parte dos lisboanos. Nesta direção, é preciso analisar a trajetória do enclave de Lisboa entendendo que a utilidade do programa galeguista (nomeadamente no que diz respeito às afinidades entre a Galiza e Portugal) acentuar-se-ia com o surgimento das Irmandades da Fala.

Neste quadro, as tomadas de posição no seio do enclave, com ressonância na praça pública lisboeta, sofrem uma alteração notável pois, sem deixar de se vincularem às lógicas do agrarismo das origens, assumem um componente reivindicativo afim ao programa galeguista. Esta mudança é especialmente perceptível entre os anos 1919 e 1922.

A primeira iniciativa nesta direção, e provavelmente mais significativa, data de 1919, quando no seio de Juventud de Galicia é criada a «Comissão de

espólio de Ramiro Vidal Carrera, *cf. infra*; datado a 9 de janeiro de 1911), acerca do discurso de Villar Ponte: «El orador se levantó á perorar entre la expectación de todos, escuchando una nutrida salva de aplausos. Su discurso fué brioso y lapidario himno á la asociación, á la cultura y á la libertad. Con facilidad de palabra evocó las sociedades regionales de América para demostrar que la importante colonia gallega de Lisboa puede hacer algo transcendental si el civismo se impone y se borra la negligencia, fruto de nuestro carácter, con objeto de fomentar el societarismo. Fustigó con latigazos soberbios á los conterráneos adinerados residentes en Portugal que suelen ser los más reacios para prestar su apoyo á la asociación. Dijo que pertenecen á aquella clase de plutócratas que aspira á llevar el cuerpo en automóvil y el espíritu en carreta; cuando lo esencial hoy, es montar el alma en aeroplano aunque la miserable arcilla corporal tenga que renguear á pie por el arroyo. Habloles de la necesidad del pan de la instrucción [...]. Recomendó en párrafos vibrantes, pletóricos de fe, saturados de emoción, que los gallegos rindan eterno culto al ideal regionalista, fustigando entonces el caciquismo de manera insuperable, valiéndole esta parte del discurso calurosa y prolongada emoción [...] Villar Ponte, concluyó su discurso en medio de aplausos delirantes, recibiendo un sin fin de felicitaciones. La fama de que venía precedido lejos de defraudarse, se aumentó».

Propaganda de Autonomia Regional da Galiza», cujo Presidente também o era da associação dos galegos. A Comissão Pró-Autonomia organiza durante esse ano três conferências: «La colonia gallega y el problema de autonomia de Galicia», a cargo de Alejo Carrera (futuro *Senhor do Sobroso* e primeiro Presidente da Câmara Municipal de Mondariz durante a Segunda República espanhola); «Alma Gallega», de Ramiro Vidal Carrera (Presidente da Câmara Municipal de Mondariz entre 1926-1929); e Alfredo Guisado sob o título «Literatura Gallega» (*El Tea*, 13.06.1919, p. 2). Infelizmente não temos mais notícias da primeira e da última das conferências; sim da proferida por Ramiro Vidal Carrera, sobre a qual voltaremos mais à frente¹³.

Nesse mesmo ano de 1919, o enclave abre uma subscrição para apoiar os mutilados de guerra portugueses na Grande Guerra (o envelope carimbado para tal fim indicava: «P'ros mutilados d'a guerra portugueses. / A COLONIA GALAICA»), obtendo uma ampla visibilidade nos jornais da altura aquando da entrega do dinheiro ao Presidente da República, como mostram os artigos da imprensa lisboeta da altura: «Para os mutilados da guerra. Um acto de filantropia da colónia galaica de Lisboa», informava *A Capital* (a 30/07.1919). A comissão organizadora estava formada pelos lisboanos Lourenzo Varela Cid, Agapito Serra Fernandes, Ermindo Augusto Álvarez, Alfredo Pedro Guisado e Ramiro Vidal Carreira, dos quais há registo fotográfico no espólio do último.

De 1919 data igualmente o desenho de Afonso R. Castelao que iria ser a capa do poemário de Alfredo Guisado *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos* (publicado na Lisboa de 1921) que, dito esquematicamente, atualiza um repertório literário de inspiração agrarista e, designadamente, galeguista. Durante este período, Alfredo Guisado, lisboano com importantes vínculos com o agrarismo, vai desempenhar

¹³ Recentemente tivemos ocasião de consultar o manuscrito da conferência pertencente ao espólio do autor. Junto ao manuscrito consta um recorte de imprensa («Alma Galega. Conferência do sr. Ramiro Carrera», *Diário A Vitória*, 15.05.1919) que, pelo seu conteúdo, evidencia com quase toda probabilidade tratar-se do texto efetivamente lido na altura. Agradecemos aqui a Miguel Regojo, bisneto de R. Vidal Carrera, a possibilidade de consultar o mencionado espólio.

funções de difusor das iniciativas dos nacionalistas metropolitanos não apenas no enclave lisboeta, mas em Portugal (Lisboa) no seu conjunto.

Entre 1919 a 1922 são relativamente numerosas as intervenções na imprensa portuguesa (*Diário de Lisboa*, *Seara Nova*, *A Imprensa de Lisboa*, entre outros), onde se sucedem tomadas de posição, no sentido apontado, de Alfredo Guisado ou Antón Villar Ponte¹⁴; o qual parece não ter passado despercebido às autoridades espanholas da capital portuguesa: Ernesto Vázquez Sousa refere um documento policial metropolitano de 1921 onde são mencionadas duas das cartas publicadas n'*A Imprensa de Lisboa*, jornal, segundo o documento, «donde se ha iniciado una campaña separatista gallega de escasa importancia y que fue enviado [o artigo publicado] por la Legación de España en Lisboa» (Vázquez 2006; sublinhado no original). A modo de exemplo, anotamos um breve excerto de uma das intervenções na imprensa lisboeta, *Diário de Lisboa*, à volta da organização de uns Jogos Florais galego-portugueses:

São esses Poetas, esses artistas como Castelao, que transforma o seu lápis em lança em torneios de defeza pela sua Terra, que respondem pela pena de Vilar Ponte, dando o seu apoio á ideia do *Diário de Lisboa*. E na sua ancia de gritarem Pátria pelo mundo fóra, diz na sua carta Vilar Ponte:

¹⁴ Antón Villar Ponte, por exemplo, envia uma carta de agradecimento pela atenção à *causa* dos galeguistas ao jornal *A Imprensa de Lisboa* nestes termos: «A redención da escravizada Galiza terá que vir polo apoio da nobre Luzitania e polo esforço dos galegos que nesa grande e gloriosa terra irmá acharon hospitalidade. Por iso, artigos como o que fica nombrado facerán moito ben no espirito dos galegos que a morar están á sombra da bandeira portuguesa. Castela foi a nosa eterna enemiga. Económica i espiritualmente. E hoje, os novos intelectuais galegos ollan para Portugal como para o irmão maior redimido que pode nos ajudar na luta que ora ideológicamente, no terreiro da arte, da literatura e do pensamento anda a se plantear, e logo quizais possa rematar deitando o sangue. Ha já mais d'un grupo de rapazes a pregoar a boa nova. En torno de catedraticos, jornalistas, artistas e literatos facen juntanza moitos morzos [*sic*] do povo. E aqués catedraticos, jornalistas, artistas e literatos sosténen estreitas relacións con homes ilustres do Portugal. Mui-tos libros e cartas de muito afamados portugueses reciben os nosos xefes. E agora no abril faceráse en Vigo a III As[e]mbleia Nacionalista Galega para o estudo de temas de grande interés entre os que figura este: *Relações da Galiza con Portugal*. [...]. Já os nosos intelectuais veem traballando 'para que a ideologia de Castela possa ter pronto a sua Aljubarrota espiritual na Galiza'» (*A Imprensa de Lisboa*, 27.04.1922 [?]).

«O noso soño é organizar en Lisboa un-ha *somana galeguista*. Un ciclo de sete conferencias que estarían a cárrego de pergoeiros do nazionalismo galego, capaces de causaren sensación n'esa Terra, com'a causaron na Cataluña outrora, falando nos principais centros intelectuais de Barcelona».

E depois de citar os nomes dos conferentes: –Vicente Risco, Johan V. Viqueira, Louzada Dieguez, três professores distintísimos, Barnet Fonteula, Pena Novo, Xaime Quintanilla, ele próprio e Ramon Cabanillas, «*a prol intelectual da Galiza*», como ele lhe chama, acrescenta ainda: –«Esta *somana galeguista* podería resultar como o convite para outra *somana lusitana* na Coruña, capital da nazió galega. Cal fixemos c'os homes mais saintes do catalanismo outrora» (Guisado 1921)¹⁵.

Em 1922, o semanário metropolitano *El Tea* dá notícia da oferenda que a colónia galega tributa ao soldado desconhecido (português) em Lisboa:

A propósito de los homenajes realizados el día 9 de Abril, al soldado desconocido portugués, al que la colonia gallega en Lisboa ofreció dos ricos candelabros de cinco luces cada uno, en plata, con las inscripciones siguientes: 'Galicia ós heroes d'a sua *hirmán Lusitania*'. 'Pra que alumbren eternamente n'o corazón d'esta pátria hospitaleira'. *A colonia gallega en Lisboa (El Tea, 23.05.1922; itálicos nossos)*.

Grupos da comunidade galega, nomeadamente Juventud de Galicia (de quem parte a iniciativa), notabilizam-se em 1924 ao propor homenagear Camões na Corunha com um monumento e Rosalia de Castro com o próprio em Lisboa, segundo recolheram com extensão *El Pueblo Gallego* (22.03.1924, p. 2) e

¹⁵ *A Nosa Terra* (15.06.1921, p. 6), poucos dias depois, confirma o *Diário de Lisboa* como jornal *amigo*: «'Diario de Lisboa' traballa pol-a independenxa espiritoal i-económica, da Lusitania groriosa. Traballa tamén pol-a imposición d'un estado d'orden, libertade e democracia no seu país [...]. Quanto â Galiza, como pobo afin â raza portuguesa, convídaa a unha estreita aliança d'amore. E pensa por iso na organización d'unhos Jogos Floraes luso-callaicos. [...] 'Diario de Lisboa' moito porâ ajudar â causa da redención da nosa Terra do xugo castelão».

Hispania (23.03.1924, pp. 4 e 5). Uns anos mais tarde, Juventud de Galicia teria promovido «Unha semana gallega en Lisboa», segundo referia, com algumas reticências finais (em plena ditadura de Primo de Rivera), *A Nosa Terra* (1.05.1925, p. 2). Mais à frente, em finais de 1928 e inícios de 1929, surge uma outra iniciativa que visava organizar uma Semana Portuguesa na Galiza (e igualmente uma Semana Galega em Portugal). A *Seara Nova* e com destaque o *Diário de Notícias*, *A Nosa Terra* ou *El Pueblo Gallego* irão acompanhar os trabalhos de organização assim como as polémicas surgidas que, significativamente, vão coincidir temporalmente com a preparação da Exposición Iberoamericana de Sevilha, marcada pela singular participação portuguesa. Em fevereiro de 1929 noticiava o jornal lisboeta, *Diário de Notícias*, com grande foto da comissão de membros do enclave, a adesão entusiasta de Juventud de Galicia à iniciativa:

A colonia galega de Lisboa, tão avultada e laboriosa, trouxe-nos ontem a sua calorosa anuencia, as suas felicitações por esta nova iniciativa, pondo-se incondicionalmente á nossa disposição e manifestando-nos o seu intenso desejo, que é também o nosso, de que a obra tão brilhantemente iniciada seja levada a cabo com o luzimento que merece, retribuida mais tarde pela realização de uma ‘Semana Galega em Lisboa’ (*Diário de Notícias*, 2.02.1929, p. 1):

Por entendermos a conferência de Ramiro Vidal Carrera (de 1919), antes mencionada, como um compêndio modelar dos elementos centrais do programa galeguista úteis em várias dimensões para os lisboanos, expomos e analisamos a seguir os eixos temáticos:

nôs, os gallegos, pequenos de territorio, pero grandes de pensamento, honradés e traballo, debemos aproveitar o momento histórico, en que se inicia un-ha nova era n’o mundo, de banda a banda, e levantar ben algo o pendón redencionista que poida acabar con o denigrante cacique factor único da nosa ridícula decadencia [...]. Os falsos apóstoles, os autores d’o artículo 2º da ley electoral, que nos veñen roubando o mais sagrado

d'a vida – a conciencia cidadana – temos de separalos, inda que pra isso faga falta manger a fouce... [e mais à frente]. Un-ha grande masa rebelde se ergue agora, o agrarismo gallego, que certamente ofrece moitas esperanzas. Isto e fruto d'un puñado d'hommes de boas intencióis que, por tal, xa teñen sido processados e encarcerados. Citarei como alma sincera d'o movimento e como perseguido y-encarcerado mais qu'un-ha ves, o ilustre abogado fillo de Puenteareas D. Amado Garra.

Neste excerto, para além da língua («Os meus amigos non debían ter cometido o pecado de convidarme pra falarlles en gallego...»; *cf. infra*), a novidade relativamente às tomadas de posição anteriores não é muita: o discurso de feição agrarista e anticaciquil – com menção expressa a Amado Garra – era com certeza conhecido e reconhecido em amplos sectores do enclave. Mais à frente, porém, o discurso introduz outros matizes como, a seguir, um antagonismo entre a Galiza e o Estado:

Pretenden que continuemos a servir de mofa ê escarnio n'o mundo; n'esse caso, impónsenos o divorcio, a independencia – pol-o menos administrativa – y-eles, que continuen en Madrid comendo d'os frutos d'a sua sabiduria en ves d'o fruto que veñen cultivando: a ignorancia gallega... [e mais à frente]. Castillanizan a intelixencia, as ideas, as costumes [...] y-o poder central, ese amo funesto, chamo-os a sí, chama-os a tomar asento n'a basta mesa d'o roubado.

Segue com uma reflexão acerca da dureza da vida na emigração, entendida esta como um dos males do atraso da Galiza («De tudo isto e culpada a absorvedora d'os nosos homes [...] a nosa dominadora, a nosa España política, a España Caciquil»), e na necessidade de as colónias galegas terem direito a votos. Sob a epígrafe «Orgullo en ser gallegos»:

Debemos todos os que nacemos en Galicia, ou mesmo, non nacendo, levando sempre gallega n'as nosas venas [*sic*], ter orgullo en manifestarnos, y-en ben admitirmos, o nom-

bre proprísimo de gallegos. Nunca por nunca debemos sentirnos menos apreciados, cando se nos chama por ese nombre – cheio d’encantos pra mim – anque moitas veces o fagan con fins ofensivos.

Pol-o regular, quen pretenda ofendernos chamando-nos gallegos, desconoce o que somos, o que valemos y-o qu’ele propio representa ou vale [...] Non facerlles caso e o noso deber; pois nin razóns atenderían pra explicarlles que non temos menos precio en ser fillos d’a terra que foi berce d’as suas grandezas [...] As nobres xeneracións de España, y-as nobres linaxes portuguesas, tiveron muitos dos seus principios n’a raza gallega.

Este trecho espelha o que seria um dos elementos de coincidência evidente entre as necessidades dos lisboanos e o programa ideológico dos galeguistas: a dignificação da Galiza, enquanto comunidade com uma história e uma identidade próprias, pode significar igualmente a dignificação dos galegos de Lisboa, imersos num meio imagologicamente hostil. Nesta direção, interessa sublinhar as referências a uma nova leitura do passado da terra das origens, narrativa em elaboração pelos galeguistas.

O excerto seguinte acolhe também outra das linhas de força do pensamento galeguista: Catalunha como exemplo e parceira na elaboração dos nacionalistas galegos:

Cataluña imponse, pode impoñerse. Ten tudo canto se precisa pra impoñerse con mais autoridade material c-a nos. Ten homes que o mesmo defenden o seu rexionalismo dende o poder com’a dende a oposición. Ten comercio, ten grandes e imponentes industrias, ten intelixencias que non trocan a sua fé pol-o seu ben estar, ten, en fin, vida propia, vida asegurada. Seus fillos foron sempre menos susceptibles d’o engano central; sin un-ha emigración tan numerosa com’a nosa.

Sob a epígrafe «A lingua gallega» refere:

o dereito sagrado que nos asiste, de pugnar pol-o emprego d'o noso idioma, d'a nosa amorosa faliña [...] d'as lengoas é a mais doce, a mais compatible pra a expresión d'o sentimento humano.

A nosa inmortal Rosalía, demostrou ô mundo, que ningun-a lingua podia expresar con mayor facilidade, con mayor ternura, o sentimento d'a muller.

En gallego trovaron os antigos Reis d'a Península, por talvez reconocer, ser este o idioma único en que podían sensibilizar as encantadoras nínfas d'a súa época [...]. Teófilo Braga, que todos debedes conocer, esse orgullo d'a raza latina [...] non duda confirmar que, o idioma d'esta hospitaleira terra portuguesa, e fillo lixítimo do gallego. Isto sin necesidade de aducirlle que o perfeccionador d'ele, Camões, é oriundo de Galicia [...]. Talvez todos saibades qu'isto é un-ha verdá, pero, os que o non saiban, será bon non pensar qu'isto é un invento meu.

O respectable Sr. Tiófilo, dis-nos que, a diferenca existente n'a actualidade entre a lengoa portuguesa y-a lengoa gallega, e o aquela pasar a ser oficial, obediente a un método [...] y-a gallega, manterse estacionaria, sin caracter oficial e sufrindo, por tal motivo, o vicio d'os tempos e d'as costumbres que cada un lle queira imprimir.

A reivindicação de um dos elementos identitários principais dos galeguistas, a língua – norma sistémica no campo cultural galego em construção (Torres 2010) –, significa também aqui a dignificação da cultura de origem dos lisboanos (a coincidir com um uso mais frequente da língua das origens em intervenções públicas, orais ou escritas). No texto, destacam-se as referências ao Camões galego e ao líder republicano Teófilo Braga em que a dignificação das origens também se substantiva em função das afinidades entre Galiza e Portugal. A conferência remata com um «¡Viva Galicia!».

4. SÍNTESE CONCLUSIVA

A partir do até aqui exposto não nos parece errado afirmar que, em termos gerais, o programa ideológico galeguista em elaboração a partir de 1916 (ancorado necessariamente em formulações precedentes) constitui-se como *bem e ferramenta* (no sentido que propõe Even-Zohar 1999) apetecível e útil para grupos significativos do enclave galego de Lisboa, nomeadamente os lisboanos, apesar de existirem obstáculos não menores para tal: (i) antes de 1923, o facto de a oposição ao regime da *Restauración* espanhola estar liderada por forças republicano-agraristas nas zonas de origem do grosso da emigração lisboeta (com a exceção importante do *Balneário* da família Peinador), (ii) as fragilidades várias que os galeguistas enfrentam, sobretudo a partir de 1923, à hora de consolidar o seu discurso e ampliar as suas bases do ponto de vista quantitativo mas também territorial; (iii) e, com incerto impacto no meio português, a fortaleza da narrativa nacional espanhola, própria de um sistema cultural (político, etc.) consolidado.

A pesquisa realizada aponta para uma maior visibilidade do ideário galeguista no meio galego de Lisboa desde 1916-17 até a instauração da ditadura de Primo de Rivera. Entre 1923 e 1924, a participação de numerosos agentes outrora da oposição, com participação destacada para os lisboanos (é o caso, por exemplo, de Ramiro Vidal Carrera) no processo de substituição das antigas elites locais promovido pelo novo regime, vai debilitar as possibilidades de proliferação dos galeguistas no enclave lisboeta. Um exemplo paradigmático é o do já citado

¹⁶ A linha editorial de *Hispania*, perante a melhora importante das relações entre os dois estados (acentuada a partir de 1926 e com fim aproximadamente em 1930), apropria-se de ideias que pululam nesta altura entre grupos conservadores dos dois estados, como por exemplo as que transparecem a seguinte citação: «Nacemos para afirmar la superioridad de la Raza Ibera, hoy Ibero-Americana, heredera de una civilización latina, colonizadora de un Mundo Nuevo; nacemos para evitar el lamentable contraste de que pueblos de las dos naciones que tamaña empresa realizaron, ignoren mutuamente lo que hay más acá y más allá de su común frontera; a pesar de surcarlas los mismos ríos y recorrerlas los mismos macizos montañosos» (*Hispania*, nº 1, 2.02.1924).

Hispania, que, atento ao novo quadro relacional peninsular, parece tentar intervir enquanto mediador nas relações entre os dois Estados ibéricos¹⁶. A viragem de signo republicano em 1931 no Estado espanhol se bem fez com que o programa galeguista recupera-se a sua capacidade de atração entre os lisboanos (e não só; Mascato e Pazos 2015), o facto é que, após 1936, o enclave galego de Lisboa teve um papel relevante no plano material e ideológico afim aos golpistas espanhóis (Pena 1999). Este papel *filo-fascista* da colónia galega, porém, não deveu ser em regra nem consensual, nem voluntário, se temos em consideração o estado dos campos na Lisboa de 1936, já implantado o Estado Novo, que seria uma trave fundamental do apoio exterior ao exército golpista.

Cabe entender as tomadas de posição dos lisboanos como oscilantes, sempre muito condicionadas pelo devir da realidade portuguesa assim como pelas importantes mudanças que têm lugar do ponto de vista político nas terras de origem (a desativação, por exemplo, da causa agrarista a partir de 1923); neste quadro, as lealdades ideológicas da elite económica do enclave parecem difusas perante as diferentes ofertas das ideias ou narrativas concorrentes, entre as quais o galeguismo. Este, no entanto, conseguiu em certa medida visibilizar-se como um *bem e ferramenta* viável perante os lisboanos por, apesar dos vários entraves já indicados, as causas defendidas irem ao encontro de necessidades concretas da emergente elite do enclave que poderíamos sintetizar na urgência que aqueles sentem de nobilitar as suas origens (via, por exemplo, como defendem os galeguistas, a ideia de partilha de variados elementos entre galegos e portugueses) num meio lisboeta historicamente hostil nas dimensões mais acima referidas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Jorge Fernandes (2002): «Imigração de galegos no Norte de Portugal (1500-1900). Algumas notas», en Antonio Eiras Roel / Domingo Gonzalez Lopo (coords.), *Mobilidade e migracións internas na Europa Latina*, Santiago de Compostela, Universidade, 117-126.
- ANDRADE, Anselmo de (1903 [1885]): *Viagem na Hespanha*, Lisboa, Manuel Gomes Editor.
- BARREIRO FERNÁNDEZ, Xosé R. (2006): «Prólogo», en Xaquín Vales, *Actos académicos en Mondariz*, Vigo, Ir Indo, 9-11.
- BERAMENDI, Justo G. (1997): «Conciencia étnica e conciencias nacionais en Galicia», en Gerardo Pereira-Menaut (coord.), *O feito diferencial galego. Galicia fai dous mil anos. I Historia*, vol. 2, Santiago de Compostela, Museo do Pobo Galego / A Editorial da Historia, 277-300.
- BERAMENDI, Justo G. (2007): *De provincia a nación. Historia do galeguismo político*, Vigo, Xerais.
- BURGOS MADROÑERO, Manuel (1986): «As actividades da colónia espanhola em Portugal (1936-1939)», *Diário de Notícias*, 6.07.1986, XV-XVII.
- CABO VILLAVERDE, Miguel (1998): *O agrarismo*, Vigo, A Nosa Terra.
- CASTRO GIL, Gabino (1999): «A grande diáspora galega em Portugal», *Olisipo. Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*, 2ª série, 11, 57-58.
- DANTAS, Luís (2010): *Retratos gallegos* [edición de autor].
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1999): «La literatura como bienes y como herramientas», en Darío Villanueva / Antonio Monegal / Enric Bou (coords.), *Sin fronteras. Ensayos de Literatura Comparada en homenaje a Claudio Guillén*, Madrid, Castalia, 27-36.
- FERNÁNDEZ, Eliseo (2018): «Proletarios galegos en Lisboa: a batalla de Monsanto», *Luzes*, 59, 48-51.
- FERNÁNDEZ CORTIZO, Camilo (2007): «La emigración gallega a la provincia portuguesa de Tras-os-Montes y Alto Douro (1700-1850): evolución temporal, tipología y localidades de partida y de destino», *Douro. Estudos & Documentos*, 22, 79-112.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, Xosé Lois (1996): «Patrimonio e cultura da emigración galega en Portugal», en M^a Xosé Rodríguez Galdo / Afonso Vázquez-Monxardín (coords.), *Patrimonio cultural galego na emigración. Actas do I Encontro*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, 181-186.
- GONZÁLEZ LOPO, Domingo L. (1999): «Los movimientos migratorios en tierras del interior de la provincia de Pontevedra entre 1801-1950: Características y puntos de destino», *Semata. Ciencias Sociais e Humanidades*, vol. II, 269-298.
- GONZÁLEZ LOPO, Domingo L. (2006): «Se se mandassem embora não haveria quem servisse... Os galegos em Portugal: un exemplo típico de mobilidade na época pré-industrial», en Rubén Lois González / Rosa Verdugo Matés (eds.), *As migracións en Galiza e Portugal. Contributos desde as Ciencias Sociais*, Santiago de Compostela, Candeia Editora, 237-266.
- GONZÁLEZ LOPO, Domingo L. (2008): «Lisboa dos sonhos, Lisboa soñada», en Xan Leira (ed.), *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa*, s/l, Acurela Comunicación, 16-19.
- GONZÁLEZ LOPO, Domingo L. (2013): «Los lisboanos gallegos y la I República Portuguesa: evolución económica, social e ideológica de un colectivo inmigrante en Portugal», en *Seminário A Emigração na Primeira República*, Fafe, Câmara Municipal de Fafe, 73-104.
- GONZÁLEZ LOPO, Domingo L. / Carlos PAZOS-JUSTO (2018): *Galegos em Lisboa. Informe elaborado para o projeto Monumento aos Galegos em Lisboa* [inédito].

- GONZÁLEZ ROTHVOSS / Mariano GIL (1950): «La emigración en la Península Ibérica», *Separata Ciências Sociais*, Tomo 6, Secção 5, Porto, Imp. Portuguesa.
- GRYGIERZEC, Wiktoria / Xesús FERRO RUIBAL (2009): «Estereotipos na fraseoloxía: o caso galego-portugués», *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, 11, 94-105.
- GUISADO, Alfredo (1921): «Jogos florais galego-portugueses», *Diário de Lisboa*, 20.05.1921, 3.
- HERNÁNDEZ SANZ, Pilar (1995): «A emigração galega para Portugal», *Galicia ó lonxe*, 4, 14-15.
- HERVÉS SAYAR, Henrique (1997): «Unicato bugallalista, Pontearreas, 1891-1923. Elementos para unha análise do caciquismo e do clientelismo político na Galicia da Restauración», en L. Fernández Prieto *et al.* (eds.), *Poder local, elites e cambio social na Galicia non urbana (1874-1936)*, Santiago de Compostela, Universidade, 213-223.
- LEIRA, Xan (ed.) (2008): *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa*, s/l, Acuarela Comunicación.
- LÓPEZ RODRÍGUEZ, Juan-Gil (2005): «A gaita ao lonxe». Notas sobre a construción da galegidade en Lisboa», en Rodrigo Romaní (coord.): *A música galega na emigración. IV Encontro O Son da Memoria, 17 e 18 de febreiro de 2005*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, 59-75.
- MASCATO REY, Rosario / Carlos PAZOS JUSTO (2015): «Corpus e metodoloxía para o estudo das relacións culturais ibéricas: o caso galego-portugués n' *O Commercio do Porto (1927-1936)*», en Elías J. Torres Feijó / Raquel Bello Vázquez / Roberto Samartim / Manuel Brito-Semedo (eds.), *Estudos da AIL em Teoría e Metodoloxía. Relacionamento nas Lusofonias II*, Santiago de Compostela / Coimbra, Associação Internacional de Lusitanistas, 127-134.
- MEDEIROS, António F. G (2006): *Dois lados de um rio. Nacionalismo e Etnografias na Galiza e em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel (2002): *O inmigrante imaxinario. Estereotipos, representación e identidades dos galegos na Arxentina (1880-1940)*, Santiago de Compostela, Universidade.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de (2015): «Pedra a pedra: pedreiros galegos na arquitectura minhota do século XVIII», Separata do vol. LX da *Revista Cultural BRACARA AUGUSTA*, Braga, Câmara Municipal de Braga.
- PAZOS JUSTO, Carlos (2011): «A imaxe da Galiza e dos galegos em Portugal entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX: do imatotipo negativo ao imatotipo de afinidade», *Veredas*, 16, 39-69 (RepositoriUM Universidade do Minho: <http://hdl.handle.net/1822/25830>).
- PAZOS JUSTO, Carlos (2015). *Relações culturais intersistémicas no espaço ibérico. O caso da trajetória de Alfredo Guisado (1910-1930)*, Vilanova de Famalicão, CEHUM / Consello da Cultura Galega. [Prefácio do Prof. Ramón Villares].
- PAZOS JUSTO, Carlos (2016): *A imaxe da Galiza em Portugal. De João de Redondella a Os galegos são nossos irmãos*, Santiago de Compostela, Através Editora.
- PENA RODRÍGUEZ, Alberto (1999): *Galicia, Franco y Salazar. La emigración gallega en Portugal y el intercambio ideológico entre el franquismo y el salazarismo (1936-1939)*, Vigo, Universidade.
- PEÑA SAAVEDRA, Vicente (2002): «As escolas que viñeron de alén mar (Galicia, ss. XVII-XXI). Algunhas réplicas dende terras lusas», *Revista da Facultade de Letras. História*, III Série, vol. 3, 245-262.
- SAMARTIM, Roberto López-Iglésias (2005): «Ideia de língua e vento portugués na Galiza do tardofranquismo: O caso de Galaxia», *Agália*, 83/84, 9-50.
- SAMARTIM, Roberto López-Iglésias (2012): «A Construção do Conhecimento pola Historiografía Literária dum Sistema Deficitário (o caso galego para 1974-1978)», *Veredas*, 16, 177-210.

- TORRE GÓMEZ, Hipólito de la (2002): *El imperio del Rey. Alfonso XIII, Portugal y los ingleses (1907-1916)*, Mérida, Gobierno de Extremadura.
- TORRES FEIJÓ, Elías J. (2004): «Contributos sobre o objecto de estudo e metodoloxía sistémica. Sistemas literarios e literaturas nacionais», en Anxo Abuín González / Anxo Tarrío Varela (eds.), *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da península Ibérica*, Santiago de Compostela, Universidade, 423-444.
- TORRES FEIJÓ, Elías J. (2010): «Relacionamento literário galego-português. Legitimación e expansión com Sísifo ao fondo», en Antonio Sáez Delgado / Luis Manuel Gaspar (eds.), *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, vol. 1, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo / Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, 163-185.
- VARELA PUNHAL, Ramon (1994): «Relaçõs Galiza-Portugal em Anton Vilar Ponte», *Agália*, 38, 165-177.
- VÁZQUEZ SOUSA, Ernesto (2006): «“De cânones e canões”: De campanhas separatistas e outras conSPI-rações lusitanistas», *Portal Galego da Língua*, 13.06.2006 (<http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=article&sid=2978>) [última consulta: 5.06.2013].
- VENTURA, António (1988): «A ‘Seara Nova’ e a Galiza. Contribuição para o estudo das relações culturais luso-galegas», *CLIO. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 6, 141-150.
- VILAVEDRA, Dolores (coord.) (1997): *Diccionario da literatura galega II. Publicacións periódicas*, Vigo, Galaxia.
- VILLARES, Ramón (2003): «Portugal, Galicia e o iberismo», en María Xosé Agra Romero / Nel Rodríguez Rial (eds.), *Actas do IV Simposio Internacional Luso-Galaico de Filosofía*, Santiago de Compostela, Universidade, 13-28.